

José Marques (1924-2012)

Profissão: fotógrafo de cena

FILIPE FIGUEIREDO E PAULA GOMES MAGALHÃES

José Marques cedo se iniciou na prática fotográfica como ajudante de fotógrafo, guardando as memórias das juras de amor e o júbilo das celebrações matrimoniais, para depois, em data incerta, se introduzir no meio teatral lisboeta e dele fazer o seu retrato e construir uma memória dos seus espectáculos. Marques terá começado a fotografar no Teatro Nacional, a convite do actor Varela Silva, e, conquistada a confiança e o apreço dos directores da companhia, aí se instala como fotógrafo residente, sendo constante esta prática entre o final dos anos 50 e o início dos anos 70. Amélia Rey Colaço terá procurado obter a dedicação exclusiva do fotógrafo às produções do Teatro Nacional D. Maria II. Conseguiu um profissional dedicado e uma estética que se tornou imagem de marca da companhia, mas não a exclusividade do seu trabalho como fotógrafo de cena. Ainda que distante da produção teatral das grandes cidades europeias, a capital portuguesa começava, à altura, lentamente, a sair do marasmo artístico em que estivera mergulhada, e o carácter experimentalista de José Marques não deixou de acompanhar os muitos projectos que abriam as portas a inovadoras e arrojadas dramaturgias. Nos vários palcos por onde passou, experimentou novas formas de registo, como o respeito integral pela luz de cena, diferentes pontos de vista ou a visão fragmentada da cena com especial foco sobre o actor. Destaquem-se, no decurso dos anos 60, as produções da Casa da Comédia, de Fernando Amado, espaço que se tornaria emblemático na zona das Janelas Verdes, as criações do Teatro Experimental de Cascais, sob a batuta de Carlos Avilez, a assinatura de Francisco Ribeiro (o Ribeirinho) no Teatro Nacional Popular (Teatro da Trindade), o trabalho do Teatro Estúdio de Lisboa, de Helena Félix e Luzia Maria Martins, ou ainda o irreverente Teatro Moderno de Lisboa, sediado no Cinema Império. Sem nunca abandonar o trabalho da Rey Colaço-Robles Monteiro (em itinerância compulsiva após o incêndio do Teatro Nacional, em 1964), acompanha, no início da década de 1970, a abertura do Teatro Maria Matos (dirigido por Igrejas Caeiro), e o arranque do primeiro Teatro Municipal de Lisboa, o São Luiz, sob a direcção de Luiz Francisco Rebello. Por entre a imensidão de propostas que cada um destes novos projectos apresenta, José Marques

encontra ainda tempo para percorrer os teatros do Parque Mayer (Maria Vitória, Capitólio, Variedades, ABC), e inúmeras produções de teatro infantil ou grupos de teatro amador.

Nas imagens captadas fora do Teatro Nacional, José Marques assume naturalmente o prolongamento do registo com o qual constrói a identidade imagética associada ao trabalho da Rey Colaço-Robles Monteiro, sem, no entanto, deixar de ficar imune às possibilidades expressivas que as novas dramaturgias e o experimentalismo das encenações agora propiciavam. O respeito pelo desenho de luz de cena que acontece desde os primeiros anos daquela colaboração replica-se em trabalhos como *António Marinheiro* (1964), no Teatro da Estufa Fria, ou *Fedra* (1967), no Teatro Experimental de Cascais (TEC). A experimentação de novos pontos de vista, aproximados e picados, resulta evidente, por exemplo, em *Diário de um louco*, no Cinema Tivoli, pelo TNT – Teatro do Nosso Tempo, em sintonia com uma certa irreverência com que se afirmava esta companhia. O foco nos actores, em pequenos grupos, recortando a cena, como em *O lodo*, no Teatro Nacional (1979), repete-se em trabalhos do Teatro Nacional Popular, no Teatro da Trindade, em *O Tempo e a Ira* (1968), do TEC, *A Salvação do Mundo* (1971), da Companhia do Teatro Municipal de S. Luís, ou *A Ceia* (1974), na Comuna – Teatro de Pesquisa, entre muitos outros.

E, porque as representações são igualmente moldadas pela fisicalidade dos espaços em que se apresentam, também as características dos palcos, nomeadamente a exiguidade de muitas salas (com todos os constrangimentos a elas associados), se reflectem nas imagens do fotógrafo. Na carvoaria transformada em teatro (Casa da Comédia), José Marques capta a essência do espaço (teatro de bolso), com o registo intimista de *Regresso ao Paraíso* (1963), espectáculo inaugural que dramatiza poemas de Teixeira de Pascoais, ou de *A Dança da Morte* (1969), retrato de um casal isolado à beira do desmoronamento, a ousadia das propostas dramáticas de Almada Negreiros e Samuel Beckett em *Deseja-se Mulher* (1963) e *Dias Felizes* (1968), e a proximidade com o público em *Antes de Começar* (1964). Nas produções do Teatro Experimental de Cascais, capta, com o mesmo rigor, tanto o trabalho cuja tónica assenta na plasticidade, ora simplista da comédia *A Maluquinha de Arroios* (1966), ora finamente urdida de *D. Quixote* (1967), como aquele que encontra na densidade da palavra ou na temática dos textos encenados o principal sustentáculo, como em *Fedra* (1967) ou *O Tempo e a Ira* (1968). No acompanhamento que faz do regresso de Francisco Ribeiro ao Teatro da Trindade, com a

reactivação do Teatro Nacional Popular, regista a marca indelével do encenador em produções como *A Esposa Trocada* (1967) e *A Torre e o Galinheiro* (1968) ou na reposição do emblemático *À Espera de Godot* (1969). Nas deambulações por antigos e novos espaços da capital, José Marques capta um teatro e uma cidade em profunda transformação, na irreverência das produções do Teatro Moderno de Lisboa – *Ratos e Homens* (1964) – do Teatro do Nosso Tempo – *Diário de Um Louco* (1966) – do Teatro de Estúdio de Lisboa – *O Mar* (1974) – ou até mesmo das revistas em cena no Parque Mayer – *Ver, Ouvir e... Calar* (1973) –, na dinâmica dos projectos de novas salas como o Teatro Maria Matos – *A Relíquia* (1970) – e o Teatro São Luiz, na abertura enquanto Teatro Municipal – *A Salvação do Mundo* (1971) – e no explosivo desejo por uma liberdade há muito negada.

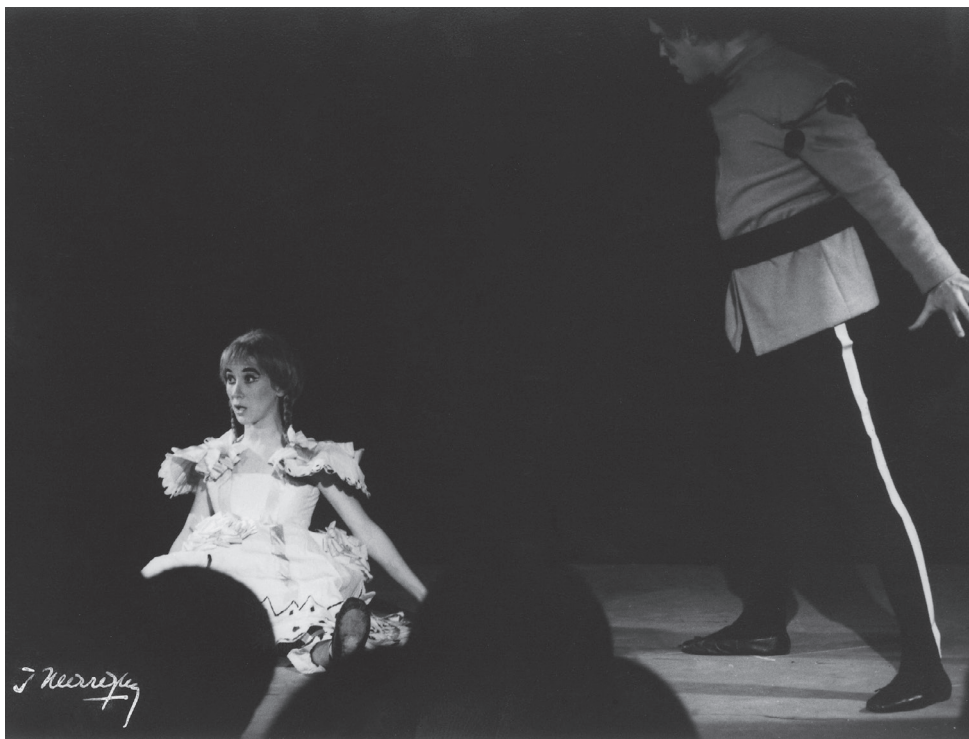
Para lá da inegável quantidade de trabalho que desenvolveu, Marques soube identificar na fotografia de teatro uma especificidade que a distingue da comum reportagem. Resistiu ao exercício fácil de fotografar ao primeiro olhar e compreendeu a necessidade de se demorar pelos ensaios para conhecer antecipadamente o movimento das encenações. Só assim se sentia habilitado a impressionar a película da sua câmara com o suspenso entre dois movimentos, com a escolha de momentos privilegiados que deixava eternizados. Era essa a prática no Teatro Nacional, em que Amélia Rey Colaço e Lucien Donat editavam as suas imagens. Noutros teatros, como nos do Parque Mayer, Marques soube ajustar-se às exigências de um outro público e à necessidade de uma imagem mais comercial. Por isso, aqui, as imagens de cena, que Marques captava nos ensaios gerais ou, quando a isso forçado, nas estreias, eram substituídas por imagens encenadas e de pose, como dizia, para a bilheteira.

As dificuldades que terá sentido no pós-25 de Abril tê-lo-ão feito afastar-se dos palcos. Fotografou como *freelancer* para várias revistas de sociedade, foi fotógrafo da revista *Nova Gente* durante alguns anos e realizou muitos retratos de figuras públicas da sociedade portuguesa, que recordam dele a curiosa figura de cabelos brancos e bigodes longos e caídos.

Em 2013, o TNDMII adquiriu o espólio de José Marques, constituído por mais de 500 mil imagens, e recentemente apresentou uma exposição em torno do seu trabalho dedicado ao Teatro Nacional que muito contribui para fixar a sua especificidade como fotógrafo de teatro e o seu lugar enquanto profissional no panorama da fotografia de cena portuguesa.

A atribuição das peças corresponde à identificação assumida pelo próprio José Marques no seu espólio, que se encontra hoje no TNDMII; contámos, na identificação possível dos vários actores representados nas fotografias, com o contributo de várias pessoas e instituições, a quem muito agradecemos: Fernanda Lapa, Rui Pina Coelho, Teresa Faria, Teatro da Comuna e equipa da Biblioteca-Arquivo do TNDMII.











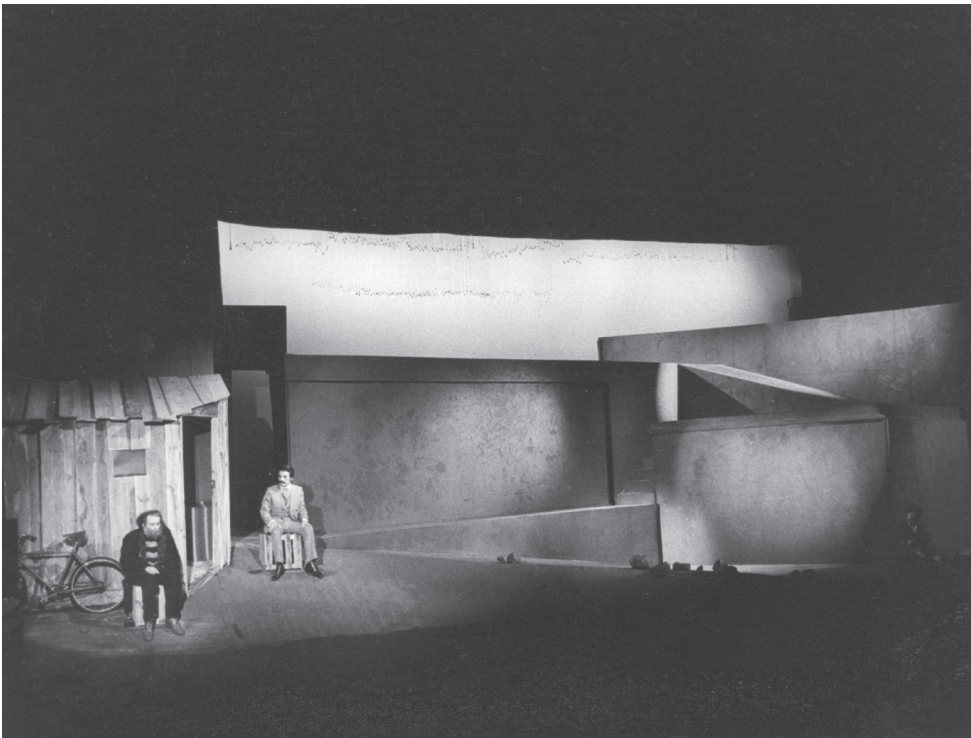


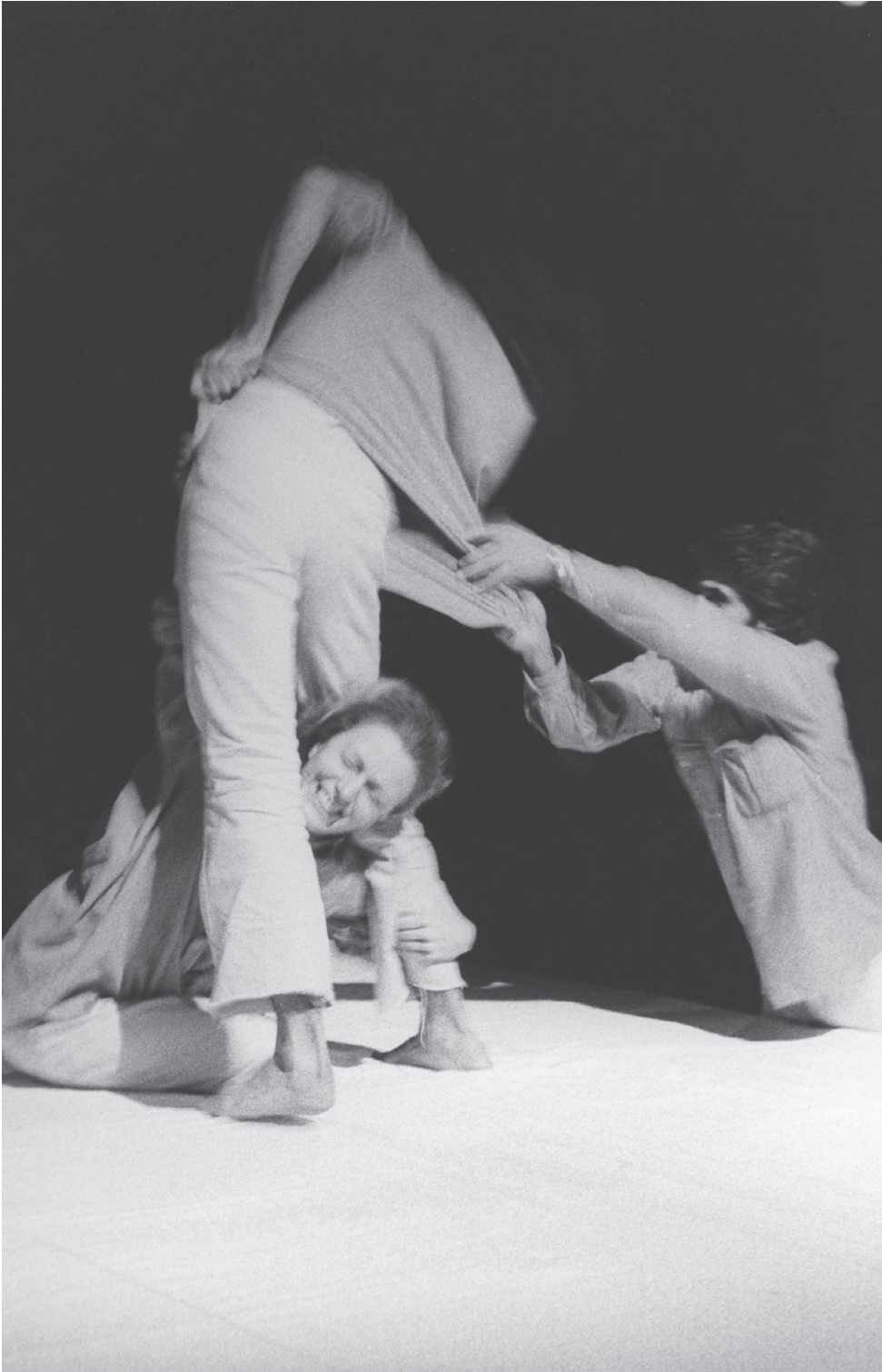
















Verbo Escuro, de Teixeira de Pascoais, dir. Fernando Amado, Casa da Comédia, 1963 (Manuela de Freitas), [F] José Marques



Dias Felizes, de Samuel Beckett, dir. Artur Ramos, Casa da Comédia, 1968 (Glicínia Quartín), [F] José Marques



A Maluquinha de Arroios, de André Brun, dir. Carlos Avilez, Teatro Experimental de Cascais, 1966 (Glicínia Quartín, Santos Manuel), [F] José Marques



Fedra, de Jean Racine, dir. Carlos Avilez, Teatro Experimental de Cascais, 1967 (Eunice Muñoz, Amélia Rey Colaço), [F] José Marques



Deseja-se Mulher, de Almada Negreiros, dir. Fernando Amado, Casa da Comédia, 1963 (vários elementos do elenco), [F] José Marques



A Dança da Morte, de August Strindberg, dir. Jorge Listopad, Casa da Comédia, 1969 (Carmen Dolores, Augusto de Figueiredo, Álvaro Benamor), [F] José Marques



D. Quixote, de Yves Jamiaquey, dir. Carlos Avilez, Teatro Experimental de Cascais, 1967 (Santos Manuel, Ruy de Matos e restante elenco), [F] José Marques



À Espera de Godot, de Samuel Beckett, dir. Francisco Ribeiro, Teatro Nacional Popular, Teatro da Trindade, 1969 (Francisco Ribeiro, Canto e Castro), [F] José Marques



Antes de Começar, de Almada Negreiros, dir. Fernando Amado, Casa da Comédia, 1964 (Maria do Céu Guerra, Filipe Ferrer), [F] José Marques



Diário de Um Louco, a partir de Gogol, dir. Jorge Listopad, Teatro do Nosso Tempo, Teatro Tivoli, 1966 (Jacinto Ramos), [F] José Marques



O Tempo e a Ira, de John Osborne, dir. Artur Ramos, Teatro Experimental de Cascais, 1968 (Lurdes Norberto, José de Castro), [F] José Marques



A Esposa Trocada, de Thomas Middleton, dir. Francisco Ribeiro, Teatro Nacional Popular, Teatro da Trindade, 1967 (Francisco Ribeiro, Lígia Teles), [F] José Marques



A Torre e o Galinheiro, de Vittorio Calvino, dir. Francisco Ribeiro, Teatro Nacional Popular, Teatro da Trindade, 1968 (Isabel de Castro, Ribeirinho, Adelina Campos, Cremilda Gil, Maria José, Costa Ferreira, Luis de Campo, Canto e Castro), [F] José Marques



A Salvação do Mundo, de José Régio, dir. Costa Ferreira, Teatro Municipal São Luiz, 1971 (vários elementos do elenco) [F] José Marques



A Relíquia, de Eça de Queirós, dir. Artur Ramos, Teatro Maria Matos, 1970 (Mário Mereira), [F] José Marques



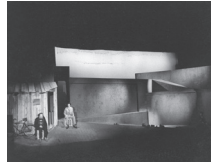
A Locomotiva, de André Roussin, dir. Pedro Lemos, Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, Teatro Capitólio, 1968 (Amélia Rey Colaço, Pedro Lemos), [F] José Marques



O Lodo, de Alfredo Cortez, dir. Francisco Ribeiro, Teatro Nacional D. Maria II, 1979 (Luz Franco, Guida Maria, e Fernanda Alves), [F] José Marques



Ver, Ouvir... e Calar!, de Aníbal Nazaré, João Nobre, Henrique Santana, Henrique Parreirão, Teatro Maria Vitória, Parque Mayer, 1973 (elenco), [F] José Marques



O Mar, de Edward Bond, dir. Luzia Maria Martins, Teatro Estúdio de Lisboa, Teatro Vasco Santana, 1974 (Rui Pedro e Miguel Tavares), [F] José Marques



A Ceia, dir. João Mota, Teatro da Comuna, 1974 (Manuela de Freitas, Carlos Paulo e João Mota), [F] José Marques



António Marinheiro, de Bernardo Santareno, Estufa Fria, 1964 (vários elementos do elenco), [F] José Marques



Ratos e Homens, de John Steinbeck, dir. Costa Ferreira, Teatro Moderno de Lisboa, Cinema Império, 1964 (Tomás de Macedo e Sandra Maria), [F] José Marques